

# Na cidade, um pequeno <sup>forma</sup> <sup>l de Domingo</sup> acervo particular de arte

Uma cidade grande, mas com poucas pessoas interessadas em ter um acervo particular de obras de arte, principalmente de pintura, é o que se pode constatar junto aos colecionadores da cidade. Além do número reduzido dos interessados em comprar quadros, os existentes tem coleções que não ultrapassam cem obras. Essa quantidade pode ser considerada baixa principalmente se for levada em conta o número de artistas da cidade, que estão permanentemente em atividade e sempre divulgam seu trabalho.

Essa falta de interesse pelas artes plásticas, no entanto, parece estar diminuindo, frente a constante programação de exposições no Centro de Convivência Cultural e na galeria do Teatro Castro Mendes.

Essas promoções têm conseguido, no mínimo, atrair um maior número de pessoas, as quais num futuro próximo, podem passar a ser consumidores de arte, comprando obras periodicamente.

Como até o momento não é grande o número de compradores regulares de obras de arte, o que se tem tentado fazer na cidade é criar o costume de frequentar exposições aprendendo, paralelamente, a gostar delas. Neste sentido, existe um plano para fundar a Casa do Artista, um ponto de encontro dos artistas locais, onde se poderá montar exposições, comercializar a arte ou simplesmente conversar sobre artes plásticas.

Essa poderia ser uma das formas de levar as pessoas a se interessarem pela arte e assim passarem a comprar, aumentando consequentemente, o acervo particular da cidade, que atualmente é apenas razoável. A quantidade de pessoas que compram quadros com certa regularidade é bem pequena e as que se interessam em montar uma pinacoteca é menor ainda, pois muitos tem um interesse de somente decorar suas residências, esquecendo-se da arte em si e da valorização que as obras recebem, muitas vezes, em curto espaço de tempo.

Um dos maiores colecionadores de Campinas é Manoel Afonso Ferreira, que tem em sua residência

cerca de 100 quadros de diversos artistas locais, nacionais ou mesmo de outros países. Do seu acervo fazem parte alguns quadros de Castagnetto comprados em leilões do Rio e São Paulo, aquarelas de Goldsmith, datadas do início do século, de Colucini e de Alice Brill, conhecida no cenário nacional, além de obras de artistas locais, como Mário Bueno, Bergamasso, Hermes de Bernardes, Caruso e Thomaz Perina. Alguns quadros da escola francesa e holandesa também compõem a coleção de Manoel, sendo obras herdadas.

Apesar de possuir quadros acadêmicos, Manoel, conforme disse, prefere a pintura impressionista e expressionista. "Eu compro quadros de diversos estilos, mas eu prefiro obras impressionistas e expressionistas, não tendo muita queda para o academicismo. Quando vou comprar algum quadro, se for de artista local, eu trato diretamente com ele, e se não, procuro os marchands ou vou aos leilões realizados no Rio de Janeiro, onde conheço alguns proprietários de galerias".

Na opinião de Manoel, Campinas, pelo valor de seus artistas, por possuir duas grandes universidades, ter centros de pesquisas e ter uma tradição como centro de ciências e instituições culturais, poderia se voltar com mais atenção ao setor da arte, principalmente das artes plásticas. No entanto, "Campinas é uma das cidades mais pobres em acervos particulares, pois existem muitas pessoas ricas, que tem condições de adquirir obras de arte e não o fazem, nem como um investimento. Um ponto importante que as obras de artes podem também ser encaradas como um simples investimento. "Para mim, mesmo que a pessoa não se interesse por artes plásticas, deveria comprá-las, pois atualmente constitui-se num dos melhores investimentos, porque são valorizadas a cada dia. Isso pode ser conseguido com a realização mais frequente de leilões já que a cidade comporta, no mínimo, dois leilões por ano".

Diante disso, a expectativa de Manoel para este ano no setor das artes plásticas é a de que será um ano bem melhor, ao menos em relação aos anos anteriores, porque "já se começou a criar um interesse por esse setor e alguns acontecimentos já estão marcados. Isso,

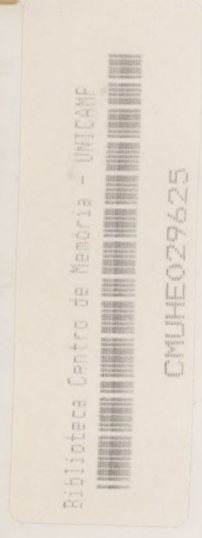
porém, é pouco diante do contingente humano da cidade, que poderia se tornar um foco da arte, bastando apenas que a população se interesse mais pelas obras e promoções artísticas".

Outro colecionador campineiro é Edwald Merlin Keppke, cujo acervo é composto, na sua maioria, por quadros de artistas da cidade, além de aquarelas de Colucini, obras peruanas de Cuzco, um quadro de Chico da Silva e outros, que totalizam cerca de 40 quadros. Edwald comentou que sempre gostou de pintura e além da finalidade decorativa, é um dos melhores investimentos no setor da cultura.

"Eu gosto de todos os tipos de pintura, tanto a acadêmica quanto a moderna, e procuro sempre comprar quadros de artistas locais, que são bons, o que é uma forma de incentivar o setor na cidade. Por isso, toda vez que programam alguma exposição eu procuro comparecer e comprar algum quadro, muitas vezes apenas para dar de presente uma das promoções que deveriam ser realizadas constantemente são os leilões, pois Campinas é um bom local para o comércio de obras de arte".

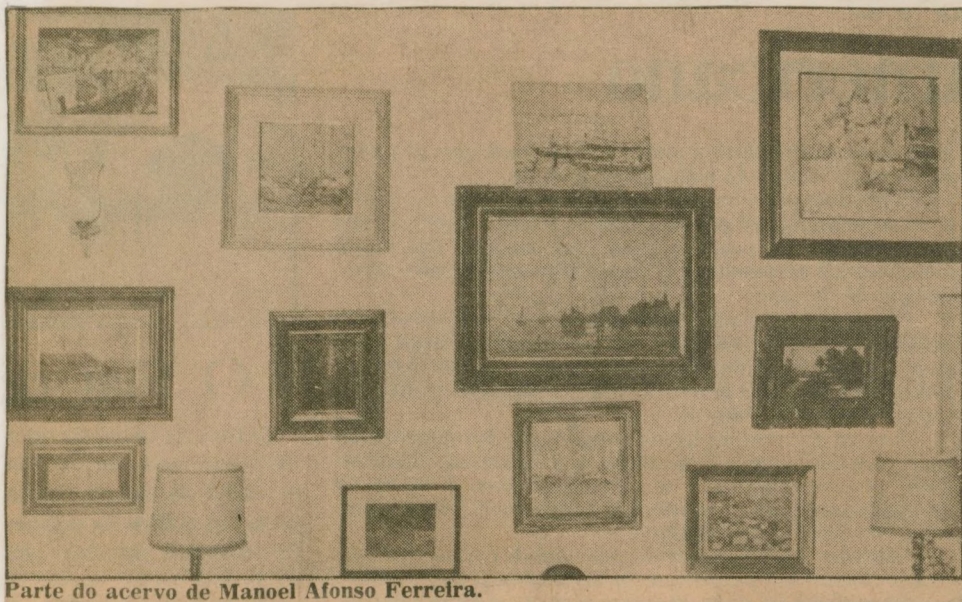
Quem também tem uma coleção de quadros é Sílvia Raskin, cuja pinacoteca atinge cerca de 40 quadros, a maioria de quadros le "estilo moderno", como frisou. "Para mim, as obras de arte, além de decorarem bem todos os ambientes, participam diariamente do nosso estado psicológico, influenciando-nos pelas suas cores e o significado de suas imagens. As artes passam a invadir o nosso dia-a-dia notoriamente a partir do momento em que você passa a se identificar com a pintura".

Sílvia considera Campinas uma cidade que está vivendo um momento de ascensão evidente para quem se inicia no campo das artes plásticas. "As promoções e realizações de leilões e galerias de artes são o primeiros impulsos para que muitas pessoas passem a se interessar pelas artes. Assim, o interesse de um maior número de colecionadores determinará o aumento da valorização das obras, isto é, obedece a lei da oferta e da procura".





Um dos quadros comprados por Edwald Merlin Keppke.



Parte do acervo de Manoel Afonso Ferreira.